



● Mau ★ Mediocre ★★ Razoável ★★★ Bom ★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente



Eudora Welty veio a este mundo em pleno território mitificado na literatura de William Faulkner. Só tardiamente foi consagrada

— Livros

Ficção

Do contra

Um romance enciclopédico sobre os dilemas dos gays espanhóis na sociedade actual pelo veterano Álvaro Pombo. **Rui Lagartinho**

Contra - natura

Álvaro Pombo
(Trad. Miguel Serras Pereira)
Minotauro (Edições70)

★★★★★



“Contra - natura” é isto: “Estão os dois entesados. Durán enfia na boca o caralho inteiro de Juanjo até à garganta. Agarra com firmeza as fortes nádegas de Juanjo até à garganta. Quer afogar-se.” (página 396)

Mas também isto: “A cor da tarde traz consigo a cor das tardes do passado. Diz-se que esquecemos quase tudo, que reconstruímos depois os fragmentos, que casualmente emergem ao fim de anos sem valor de verdade, modificados pelo presente e pelos sentimentos do presente”. (página 189)

Álvaro Pombo (Santander, 1939) revela-se um verdadeiro alfaiate na hora de cozer na mesma peça jactos que lembram Henry Miller e nostalgias madrilenas que apontam ao céu de Marcel Proust.

“Contra - natura” é um romance que nasceu de um homem às voltas com a sua circunstância. Há quatro anos Álvaro Pombo quase surdo com tanta manifestação do orgulho gay sentia-se incomodado. Ele que atravessou décadas de repressão franquista sobre os

homossexuais e que aí aprendeu a forjar um caminho para a sua sexualidade que nasceu clandestina e pouco a pouco se expôs à luz do dia parecia perdido. Precisamente ele que em tantos outros romances dera voz e consistência a tantos heróis homossexuais.

“Contra - natura” nasce para dar voz à sua perplexidade, que talvez se extrapole para a da sua geração.

Javier Salazar e Paco Allende cresceram juntos, frequentaram o mesmo seminário. Naquele tempo “Era pecado masturbar-se, era pecado desejar enfiar a mão por dentro das calças do companheiro, era pecado não ir à missa, era pecado não honrar pai e mãe... (página 201) A vida separou-os. Pelo acaso e pela sordidez dos engates voltam a cruzar-se. Salazar é mais frio que uma pescada. Allende nunca desiste de encontrar uma terceira via entre o platónico e o risível “... ou uma grande queca ou uma grande paixão. Não sou sequer um grande artista capaz de representar a grande paixão: sou simplesmente o homem médio sensual, guloso, vulgar, que deseja, enquanto pode, desfrutar do imensamente delicioso erotismo homossexual.” (página 259).

Pombo, correu riscos: apanhou pancada de todos os lados. Os gays preocupados em registar os papéis para o casamento ignoraram-no, e criticaram-no por ao dissecar as raízes da natureza do amor homossexual lhes estragar a festa. Outros, Igreja Católica à cabeça, bateram mais uma vez no bombo da festa.

Quatro anos depois, lido do lado de cá da fronteira, “Contra - natura” agiganta-se. É um romance amplo, desmesurado na vontade voraz de nas suas páginas abarcar uma visão do mundo.

Consegue-o. A alternância entre uma linguagem crua na relação entre as várias gerações de homossexuais e a reflexão poética e filosófica dos monólogos interiores de alguns deles, é feita a bom ritmo e no tempo justo.

Diverte e dá que pensar. Sobretudo porque é que em Portugal ainda não há quem escreva com esta clareza complexa sobre estes temas.

E o momento até é oportuno.

“Contra-natura” é primeiro livro da colecção Minotauro, uma nova chancela das Edições 70. Pretende dar a conhecer algumas vozes da literatura espanhola contemporânea, algumas inéditas em Portugal. (Álvaro Pombo, por acaso, já estava traduzido pela Dom Quixote).

Graficamente os livros são bonitos e apetecíveis. A revisão de texto revela algum descuido deixando passar algumas grialhas grosseiras. A tradução de Miguel Serras Pereira opta por não encontrar

solução para a tradução do termo “chaval” evitando comprometer-se com o falso amigo “chaval”, demasiado grosseiro no contexto. Só que depois quando vários “chaval” se juntam, já são traduzidos por “chavalos”.

Era bom que tradutor e revisor falassem mais entre si.

O coração da América é uma tragédia banal

O que Welty sempre fez foi desvelar os estilhaços de loucura que se escondem debaixo das mantas bordadas da normalidade das casas cuidadas, esmeradas, educadas. **João Bonifácio**

O Coração dos Ponders

Eudora Welty
Relógio D'Água
(Trad. José Miguel Silva)

★★★★★



publicada em Portugal, depois de “Os Ventos e Outros Contos”. E no entanto, a frase podia não só constar de “O Coração dos Ponders” como igualmente servir de epígrafe a toda a obra de Welty. Porque a cada conto, a cada novela, a cada romance, o que ela fez foi desvelar os estilhaços de loucura que se escondem debaixo das mantas bordadas da normalidade das casas cuidadas, esmeradas, educadas.

Nascida em 1909 e já falecida, Welty era natural de Jackson, Mississippi, ou seja, veio a este mundo em pleno território do sul dos EUA, mitificado na literatura de William Faulkner. Só tardiamente foi consagrada: o seu único Pulitzer surgiu em 1973, quando a sua obra estava mais que completa.

As suas personagens são mulheres, por norma de castas superiores, pertencentes a um grupo religioso determinado, que falam sobre as mundanidades da comunidade. Esses diálogos são magistralmente porosos, no sentido em que têm minúsculos buracos por onde perpassa o horror, que nunca é catalogado. As

personagens catalogam os outros membros da comunidade consoante a cor, a religião, o jeito culinário, a roupa, o dinheiro, mas os verdadeiros actos de horror surgem por acaso na conversa ou no monólogo, não são enfatizados.

Também o é assim em “O Coração dos Ponders”, novela de 107 páginas que ao princípio não se percebe ao que vem. O livro abre com uma senhora a dizer que o seu tio Daniel “é como o seu [do leitor]”, só que “perde o sentido das coisas”. O Tio Daniel adora oferecer presentes a toda a gente que surja lá em casa, o que aborrece sobremaneira o seu avô, conhecido por avô Ponders.

Aparentemente Welty perde-se em considerações minúsculas sobre os membros da comunidade, as pequenas regras, o que os outros dizem do Tio Daniel, as reacções do avô. Toda esta propensão para a digressão não mais serve que para colocar o leitor no papel de uma mulher a falar como as mulheres do Sul falavam umas com as outras.

Welty não traça uma narrativa linear feita de climaxes e anti-climaxes: as suas digressões fazem-na avançar e recuar no tempo, o que coloca constantemente em suspenso cada informação que nos fornece.

A narrativa funciona em dois planos. Por um lado a voz da narradora (Edna Earle, neta do avô Ponder), semelhante a uma avozinha rezingona na sua capacidade de diminuir a gravidade dos actos que conduzem à ruína da família, define um plano existencial, um universo feminino, mas acima de tudo susilista, fechado, preconceituoso, mesquinho, entrincheirado ao redor da casa: todos são amigos de todos, mas todos são potenciais inimigos, no sentido em que podem comentar os casos da família Ponders. (As coisas que acontecem não são graves. Grave é serem faladas.)

A narradora não se coíbe de fazer comentários racistas, dizer que esta ou aquela gente não vale nada, etc. Welty não concede particular heroísmo à sua narradora, nem nos pede que a apreciemos. Há uma ciência empírica dos comportamentos cujos dados são os sinais exteriores de personagens secundárias, magistralmente definidas com um traço, sinais esses confrontados com normas nunca explicitadas.

Por outro lado este carácter digressivo funciona por acumulação de minúsculas pistas: por entre os múltiplos comentários laterais de Edna, e por entre a sua compulsiva capacidade de tratar os actos do tio como brincadeiras de um adulto grande, vão ficando sinais do real grau de dissolução familiar: dos Ponders já só resta o avô, ela e o tio; há uma quinta e um hotel que fica ao encargo de Edna contra o que dita a norma, assunto relevante para mais na época em que é. →

Pombo apanhou de todos os lados: dos gays preocupados em registar os papéis para o casamento, da Igreja Católica

